

FGV capta claros sinais de desaquecimento na economia

Brasil

OS CENÁRIOS DA INDÚSTRIA

As medidas de restrições ao crédito adotadas pelo Governo acertaram o alvo. A 116ª Sonda-gem Conjuntural da indústria, divulgada ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra que é significativa, de abril para cá, a desaceleração no ritmo de crescimento da economia: 19% do setor está com estoques excessivos; o nível de utilização da capacidade instalada caiu de 86% para 83%, com redução de 15 para seis no número de segmentos que ocupa mais de 90% de seu parque; a tendência é de forte redução no emprego e a produção deve acumular até setembro deste ano uma expansão de 6%, contra os 10% apurados até maio.

A sondagem reúne informações de 1.812 empresas, que representam um terço das vendas das indústrias do país. Em 1994, elas empregaram 1,1 milhão de pessoas e suas vendas somaram R\$ 81 bilhões, dos quais, R\$ 9 bilhões referem-se a exportações. Segundo o chefe do Centro de Estudos Tendências (CET) da FGV, Eden de Oliveira, o ritmo de crescimento da economia agora é mais compatível com o processo de estabilização:

— As medidas reduziram as pressões do consumo sobre a capacidade de produção do país e também sobre a importação de insumos básicos, o que ajuda na questão da balança comercial — diz Eden.

A sondagem mostra que os empresários passaram por uma forte frustração de expectativas no segundo trimestre em relação às vendas, sendo o setor de bens de consumo intermediários (in-

PRODUÇÃO — A sondagem está prevendo que, no acumulado do ano até setembro (comparado com o mesmo período de 1994), a produção industrial terá crescido 6%, o que representa forte desaceleração — até maio, a indústria cresceu 10%. A construção civil crescerá 6,5%.

VENDAS — Frustração de expectativas. Quarenta e quatro por cento da indústria registrou queda de demanda no segundo trimestre do ano, o que representa um saldo negativo de 19%. No mesmo período, é o segundo saldo negativo da história da sondagem, que começou a ser feita em 1967. O saldo para o terceiro trimestre é de menos 2%, contra uma taxa histórica de mais 33%.

MÃO-DE-OBRA — Aumento de desemprego à vista. O saldo médio da pesquisa mostra que 7% da indústria demitiu no segundo trimestre do ano e 21% prevêem fazer dispensas no terceiro. Na média histórica, 10% da indústria costuma contratar no terceiro trimestre do ano.

ESTOQUES — Altos demais. Dezenove por cento da indústria informa que está com excesso de estoque (em abril, apenas 5% esta-

vam).

CAPACIDADE — Caiu de 86% em abril para 83% em julho o nível de utilização da capacidade instalada nas indústrias, com seis segmentos operando agora em capacidade acima de 90% (em abril eram quinze os segmentos acima desta faixa).

PREÇOS — Cenário de estabilidade. Em julho, 68% da indústria disse que manteria seus preços estáveis no terceiro trimestre. E 66% esperavam que os outros façam o mesmo.

INVESTIMENTOS — As 1.812 empresas consultadas pela sondagem (que são responsáveis por um terço das vendas da indústria nacional) investiram R\$ 6,3 bilhões em 1994. Do total, 37% foi investido pela Petrobras. Aliás, o setor de bens de consumo intermediário (insumos básicos) foi responsável por 70% dos investimentos.

LIMITAÇÕES — A falta de demanda é apontada por 65% da indústria como principal fator limitativo da expansão da atividade. Falta de capital de giro é problema para 6% do setor industrial, no que se destaca os segmentos de tecido e eletroeletrônicos.

sumos básicos) o mais afetado: no saldo médio da pesquisa, 25% do setor registrou queda de demanda no período, contra uma previsão de que esta taxa seria positiva em 26%. Mas o enfraquecimento da demanda é generalizado.

No que se refere a estoques excessivos, a situação é mais com-

plicada para as indústrias automobilística (toda ela estava nessa situação em julho); de eletrodomésticos (94%); brinquedos (86%); bicicletas e motos (83%); adubos e fertilizantes (75%), entre outros. Quanto à utilização da capacidade instalada, os destaques entre as reduções de abril para julho ficam com o se-

tor de embalagem, um termômetro importante da indústria de maneira geral: no segmento de embalagem de papel e papelão o uso do parque passou de 94% para 85% e no de plástico, de 87% para 78%. A maior alteração, entretanto, foi registrada no setor de minerais não-metálicos para construção: de 93% para 77%.